

O elemento portuguez no Brasil antes e depois da independencia (*)

ANTONIO AUGUSTO

O seculo 15 é o alvorecer da civilização.

Começa com o movimento politico que ensaia a organização das nacionalidades e acaba fechando o cyclo da Renascença com o progresso dos conhecimentos que a imprensa multiplica e com o successo das aventuras maritimas que alargam os horizontes da vida.

Até então, diz Guizot, tudo era estreito e local.

Não havia nem interesses geraes nem opiniões capazes de dominar os interesses e opiniões particulares.

Os espiritos mais ousados não tinham nenhuma idéa de administração nem de Justiça publica.

Era preciso que uma civilização muito activa e muito forte tratasse de triturar e assimilar tantos elementos incoherentes.

Fazia-se necessaria uma centralização de interesses, de leis, de costumes e idéas, emfim — um Poder publico, uma opinião publica”.

O regime era de luta porfiada entre Reis e vassallos, uns — pelo absolutismo, outros — pela emancipação; todos, porém, exaustos de força, ameaçados pelas hordas de barbaros que desciam do Oriente.

Rocha Pombo, que allia a erudição de Cesar Cantu á philosophia de Buckle, faz synthese brilhantissima desse periodo de transição para os tempos modernos.

Bem poucas eram as nações que pareciam regularmente constituidas.

A Inglaterra acabava da guerra das Duas Rosas, que abriu margem ao despotismo dos Tudors.

A França desde o governo de Luiz 11 consolidava o poder absoluto, vencidos os duques e vassallos mais poderosos.

A Hespanha, sob o sceptro dos Reis Catholicos, expulsava os Mouros de Granada e reunia os pequenos Estados, e Portugal,

(*) *Fragmento de uma conferencia escripta mas não realisada pelo seu autor, e encontrada em seu espolio litterario.*

por mares nunca d'antes navegados, completava o périplo africano chegando ás sonhadas Indias.

Na Allemanha preponderavam os Hapsburgos.

Na Italia. Florença cabia sob o dominio dos Medicis e Genova se submette ao Milanez. A maior parte das republicas, grandes e pequenas, dão logar a casas soberanas (1).

As reformas que se operavam na esphera politica, diz Rocha Pombo, não determinaram modificação immediata e sensivel nas condições sociaes do povo, porque as revoluções, por mais profundas, extensas e radicaes que pareçam, nunca eliminam, uniformemente, os males ou vicios que vão corrigir. (2).

“O homem do povo sob a realza continuou a ser o que era em toda a Edade Média; estava sempre sob o dominio de um senhor. A lei era o costume e esse — o senhor alterava como queria.

Todo o mundo mandava e obedecia como se cada um fosse peça de um machinismo que devia funcionar a um tempo.

A' medida que se baixava na escala das hierarchias, mais pesada se ia fazendo sobre o subalterno a autoridade absoluta do senhor.

“E' facil imaginar a situação a que se reduziam as ultimas camadas e prever o que seriam os individuos sahidos destas camadas no dia em que chegaram a exercer sobre as outras creaturas imperio semelhante áquelle sob que tinham padecido.

As condições economicas eram as mais penosas... Imagine-se o que devia ser a existencia das miseras populações, quando se sabe que tudo se resolvia pela força e segundo o respeito de tradição.

Doloroso seculo em que a alma humana fatigada e exausta se fechava na sua amargura, desesperada por crer na paz e no descanso.

“O turco trancava uma vez o caminho e nem mais o Mediterraneo restava aberto á navegação e ao commercio europeu”.

Dos povos littoraneos, principalmente da peninsula iberica, partiram as levas de aventureiros que se derramaram pelas regiões descobertas.

Através do horizonte trevoso estava a esperança da fabulosa Atlantida e do reino maravilhoso de Preste João.

Os phenicios e carthaginezes tinham deixado vestigios de suas viagens: a bussola rasgara o alto mar e Marco Polo desvendára as riquezas do Oriente. Os portuguezes, como os phenicios, acantonados numa estreita facha de terra, foram dos mais audazes da *Cavallaria do Oceano*.

Cada vez mais familiarizados com a furia das vagas, iam jogando mais longe as suas âncoras.

(1) *Crozals*, t. 2.^o, pag. 306.

(2) *Hist. da America*, t. 1. pag. 5.

Passam o cabo Bojador, que a lenda povoára de phantasmas e monstros marinhos, e perlustram toda a Africa Occidental.

Bartholomeu Dias dobra o cabo das tormentas, Vasco da Gama vae além da Taprobana e Camões incrusta as armas e os Barões assignalados na moldura dos immortaes.

Portugal, diz Latino Coelho, era o grande e generoso aventureiro que, durante largos annos, cursando as terras africanas e os mares orientaes em busca de heroicas e temerarias aventuras, quasi podéra appellidar-se o Andante Cavalheiro da nova civilização (3).

Camões, reflectindo, intensamente, a mesma luz, que alumia-va a sua patria, tendo como ella os mesmos brilhantes predica- dos, igual amor das empresas cavalleirosas, os mesmos quilates de valor e bizzarria, os mesmos brios de soldado, era o cantor predestinado a enfeixar num unico trophéo as suas e as glorias da nação.

“Douraram-lhe a fronte os raios de todas as glorias, abru- maram-lhe o coração os espinhos de todos os infortunios.

“A sua luz é brilhante como a scentelha do relampago e temerosa como o resplendor da tempestade.

O genio heroicamente aventureiro, confiado e audáz do povo portuguez encheu de gloria o mundo perto de quatro seculos desde a fundação da nacionalidade pela aclamação da dynastia affon- sina até a perda da independencia pelo desastre de Alcacer Kibir e subseqüente dominação castelhana, diz Ramalho Ortigão. (4).

“Pela força de nosso braço e de nossa fé, pela progressiva cultura de nosso espirito e pela poderosa cohesão de nossa disci- plina hieratica fundámos no Continente europeu e atravez dos ma- res uma das mais vastas, das mais fortes e das mais civilizadas nações do mundo.

“Ao interior da Africa, a America e Asia enviámos nossos grandes portadores da sciencia e da civilização mundial -- Affonso de Albuquerque, Vasco da Gama, Cabral, Bartholomeu Dias, F. Ma- galhães, Pedro de Covilha, Diogo Cão, S. Francisco Xavier, Auchieta, Nobrega”.

O seculo 16 despontou mais promissor com o descobrimento do Brasil, que fôra a perola mais brilhante e valiosa da Corôa portugueza.

Suas quilhas vasavam os quatro ventos do quadrante, a Cruz de sua bandeira e os seus brazões se alteavam em meio mundo.

Esse povo, affeito aos trabalhos mais rudes e arriscados, cheio de fé e patriotismo, era a semente fecunda da Cabralia terra, aliás abandonada, entregue aos ataques dos corsarios até que Martim Affonso fundasse as colonias de S. Vicente e Piratininga.

Só em 1554 foi que D. João 3.º, incitado pelo exemplo de outros povos colonizadores, na impossibilidade de meios, dividiu o

(3) Camões, pag. 22.

(4) *Ultimas farnas*.

Brasil em capitánias hereditárias, que foram doadas a vassallos de bom nome, fortuna e serviços comprovados.

Cedo, porém, á falta de recursos próprios, naufragou a tentativa, pela distancia em que se acharam os donatários, uns dos outros e da Metropole, que os não podia auxiliar no momento preciso do perigo e da necessidade.

Venha Vossa Alteza em nosso auxilio (escrevia Luiz de Góes); em breve esta terra se perderá e os francezes que a tomarem tomarão depois a Africa e irão atacar a Asia portugueza; e se esses presagios não movem Vossa Alteza, tenha V. A. compaixão e piedade de tantas almas christãs desta terra. (5).

Então foi nomeado Governador geral Thomé de Sousa, que, partindo de Lisbôa em janeiro de 1549, chegou a 29 de março ás vizinhanças da pequena povoação fundada por Pereira Coutinho e ali, auxiliado por Caramurú, lançou as bases da actual cidade de S. Salvador.

Com elle vieram diversos funcionarios que o deviam auxiliar na administração, muitas familias. colonos, seis Jesuitas, entre os quaes o infatigavel apostolo Manoel da Nobrega, 600 soldados e grande numero de degredados.

“Os colonos foram extendendo suas vistas do littoral para o interior, e os padres, com a audacia e confiança que só a fé pode dar ás almas, se embrenharam nos inhospitos sertões convertendo os gentios e muitas vezes amparando-os contra excessos e violencias dos adventicios (6).

Duas cathequezas tinham que emprehender (7): arrancar o indio da barbaria e conter a dissolução dos portuguezes.

“A primeira não era mais difficil do que a segunda. Si o indigena estava na mais negra selvageria, os costumes estrangeiros não eram menos negros.

“Si de um lado havia a ferocidade dos naturaes, havia do outro lado a crueldade e a perfidia do civilizado. E elles triumpharam.

“Pobres, miseraveis, mesmo, e até famintos, em tal estado de penuria que se viam obrigados a comer as migalhas da criadagem do Governador Geral, nunca os Jesuitas tiveram um instante de descanso e de desmaio.

“Ora entre tribus em guerra, ora como refens em tabas inimigas; ora esmolando para fundar collegios, ora apupados, perseguidos, só tinham um ideal — o levantamento moral de nossa raça

“Numa epocha de aventuras em que a febre da riqueza escaudava todas as cabeças, aquelles seres incriveis, aquelles corações de oiro tiveram a coragem sublime de só pensar com piedade e com justiça na formação gloriosa de uma patria — a nossa.

Portuguezes eram João Navarro Nunes, Salvador Rodrigues Luiz de Gran, Affonso Braz, Francisco Pinto, Luiz Figueira, Gaspa

(5) *João Ribeiro — Historia do Brasil.*

(6) *Rocha Pombo — Hist. do Brasil, pag. 55.*

Lourenço, Antonio Pires, Nobrega, Anchieta e o genial Antonio Vieira e dezenas de legionarios que sellaram seu apostolado com sacrificio e com sangue.

Ao mesmo tempo os Governadores visitavam os nucleos colonias, apresentavam os meios de defeza e importavam muitas especies de animaes domesticos e plantas de cultura.

Estava, portanto, sob os melhores auspicios iniciada a colonização do Brasil, aliás enodada, na opinião de escriptores, com a remessa de degredados.

Isto que, hoje, reputamos um erro administrativo, foi medida que pareceu acertada naquelle tempo.

Demais, o sentenciado não é, de todo, um homem perdido, se lhe culturam os bons sentimentos.

A sciencia, de mãos dadas á religião, tem sancado a atmosphera moral das prisões, transformando malfetores em cidadãos uteis á sociedade.

Veio tambem muito trigo entre o joio. “E’ preciso, portanto, diz o erudito Rocha Pombo, fazer distincção entre estas duas especies de elementos colonizadores. O portuguez normal é esse que veio, espontaneamente, tangido de ambições e de ideaes, e muitos até de motivos superiores de ordem moral.

E’ deste naturalmente que se deve tratar aqui...

As grandes qualidades que trazia o immigrante portuguez são as que elle herdou das raças cujo sangue tem nas veias e cujo influxo moral tem no character: são mais as que lhe resultaram das longas collisões sustentadas naquelle pequeno rectangulo da península contra povos e nações, contra avalanches de invasores, tão varios, tão poderosos, tão insistentes, e são ainda as que decorreram da contingencia em que se sentia ao cabo dessas lutas... (8).

“Mas tambem, em contrastes com essas qualidades de povo pacifico e sedentario, trazia o portuguez, em germen, outros meritos que se converteram, aqui, a maior parte, em grandes *virtudes*, sem as quaes teria sido impossivel a obra gigantesca que realizou”.

Não foram melhores os companheiros de Cortez, Pizarro e Almagro. Ao contrario, nossa historia não regista as carnificinas frias, as atrocidades daqueles bandidos, ás quaes respondiam: não são culpas da Hespanha, mas do tempo.

A Metropole (faça-se justiça) sempre empenhou todo o escrupulo na escolha de Governador.

Mem de Sá, Luiz de Brito e Lourenço da Veiga foram bem dignos imitadores de Thomé de Souza no zelo, bravura e dedicação que fizeram prosperar a colonia.

Passando Portugal para a dominação da Hespanha, por morte do Cardeal D. Henrique em 1580 — “foi o Brasil refugio da lama portugueza: começou a fazer-se um como verdadeiro exodo.

(8) Rocha Pombo — *Historia do Brasil*, t. 2, pgs. 578-9.

“Até então quasi todos os que vinham para a America eram meros aventureiros attrahidos pelas noticias de riquezas faccis.

“A partir de 1580, porém, começaram a emigrar do Reino para as colonias e, principalmente, para o Brasil os melhores elementos.

“Esta terra ficou sendo assim o seguro asylo aberto a todos os que se sentiam opprimidos pela prepotencia da Hespanha.

O Brasil que, então, contava uma população de 50 mil almas, alguma lavoura e criação pouco florescente, porque as noticias das minas acenavam mais ás ambições, recebendo pessoal mais limpo começou a prosperar a olhos nús.

Para logo surgiram no littoral e no interior muitas povoações onde a agricultura, a industria e o commercio se desenvolveram com mais segurança.

O colono auxiliado do indio que escravizara, dispondo da *mercadoria africana* que era então, infelizmente, objecto de commercio entre todas as nações, foi lançando mais fundas raizes na terra americana, onde lhe nasciam os filhos e a fortuna lhe sorria com as melhores promessas.

Assim foi despontando e se fortificando o amor á colonia, e o interesse por seu destino, provados, logo, tão heroicamente na luta de muitos annos contra os hollandezes.

Os colonos, diz Rocha Pombo, tendo acabado de reagir contra os espoliadores do territorio, entraram na phase dos protestos contra as misérias do regime colonial (9) — a formação das capitánias administrativas, independentes umas das outras e subordinadas directamente á Metropole, as companhias de commercio, os monopólios, os tributos exhorbitantes e medidas vexatorias que opprimiam as populações, embaraçando o desenvolvimento da colonia.

Em quanto a Metropole apertava a craveira para ter mais segura a sua presa — “um espirito novo que nascia na America andava sempre vivendo numa continua alternativa de esperanças e desillusões, que, nunca, lhe matava a grande fé, porque as esperanças lhe renasciam de cada desastre”.

No seculo 18 a sementeira já promettia boa colheita: os territorios de Goyaz e Matto Grosso eram explorados, as *bandeiras* paulistas varavam os terrenos auríferos, os navios se cruzavam na permuta de productos e a Egreja creava varios bispados, que melhoravam o meio moral.

Já o espirito brasileiro se mostrava forte e decisivo na luta com os francezes no Rio de Janeiro e com os hespanhóes no Sul na guerra dos mascates e emboabas.

Filhos de portuguezes eram todos os brasileiros que trabalhavam pelo progresso da colonia; em Portugal iam elles beber o conhecimentos que levantaram o nosso adiantamento intellectua e despertaram as aspirações da liberdade, as quaes se tornarar

(9) *Hist. do Brasil*, pag. 134-5.

mais promissoras e seguras com a transplantação da Côrte para o Brasil, criação de estabelecimentos de ensino, abertura dos portos ao commercio das nações.

Os laços que nos prendiam á Monarchia, cada vez pareciam mais fracos; esperavam somente a hora do rompimento. A volta de D. João 6.^o foi o rebate do Brasil.

A colonia (reconhecia o grande ministro inglez Canning) já era mais rica, mais futura do que a Metropole; já tinha opinião.

O Brasil tinha em 1822, quando se proclamou independente, mais de 4 milhões de habitantes. "Contava já em seu seio patricios eminentes, cidades policiadas e fontes de riqueza abertas pela agricultura, pela industria e pelo commercio.

Fôra tudo isto obra do acaso ou creado de repente? — pergunta Varnhagen. Não! Custava a vida e o trabalho de um grande numero de gerações; e pouco a pouco se haviam accumulado os elementos para esse grande acontecimento; e já nas proprias escolas do paiz e da Metropole se haviam formado os illustres patricios que encaminharam a obra da regeneração, tendo á sua frente um Principe que, até então, não viajára em terras estranhas.

Além de que, dentre os proprios colonos primitivos, troncos originarios de muitas familias que, hoje, constituem o principal de sua povoação — dentre esses colonos, dizemos, submettidos ao antigo regimen que, hoje, com razão, reprovamos e cujos males elles mais que nós soffreram, ameaçados com os rigores do livro 5.^o das Ordenações e até com as fogueiras da Inquisição, muito nos legaram acções meritorias de abnegação e interesse, que não só por gratidão como até conveniencia, nos cumpre commemorar.

Quando se ouviu de fronteira a fronteira a voz do Ipiranga, mais de dois terços dos portuguezes residentes no Brasil adheriram á libertação da Colonia que era o berço de seus filhos e raiz de seus haveres.

Além dos Sebastianistas, principalmente os portuguezes da ultima hora que formaram um pequeno partido absolutista, só o elemento official ficou fiel a D. João 6.^o. Assim mesmo capitularam com o 3.^o batalhão de caçadores e a fragata Real Carolina innumerados soldados e marinheiros.

As resistencias armadas que surgiram na Bahia e Pará, Maranhão, Piahy foram, logo, abafadas por força da opinião vencedora.

Certo, jamais nos esqueçremos dos heróes da Independencia e da revolução de 1817, que expiaram no degredo e no patibulo as explosões do patriotismo, mas não se pode negar que, depois de coroado D. Pedro I, Portugal, para rehaver a colonia, em vez das armas só recorreu a leis de represalia e a negociações diplomaticas demoradas e até irritantes, como a missão — Rio Maior.

O sello da renuncia que Armitage attribue a dois milhões de dollars, não nos custou uma só gota de sangue.

Bem differentes foram os processos de que se serviram a Inglaterra e a Hespanha contra as colonias americanas. cuja inde-

pendencia foi resgatada com muito sangue, na porfia de muitos annos.

Logo após o reconhecimento dos Estados-Unidos e da Inglaterra, desfeitas as ultimas tentativas de reconquista, Portugal voltou ás relações de amizade.

Portuguezes eram Caetano Pinto de Miranda Montenegro, Manoel Antonio Farinha e Luiz Pereira da Nobrega, que fizeram parte do 4.º Ministerio organizado por José Bonifacio.

Portuguez era José Clemente Pereira, que emigrou para o Brasil em 1815, depois de servir nas fileiras de Wellington contra os invasores da patria e representou importante papel no movimento de nossa independencia, sendo depois presidente do Senado da Camara e Ministro de Estado, prestigiado por grandes beneficios publicos que fazem veneravel a sua memoria.

Nomes e anonymos continuavam a emigrar, incorporando-se aos constructores do nosso progresso.

Os portuguezes que adquiriam fortuna e posição eram, por sua vez, chamarizes e protectores dos parentes e patricios d'além-mar.

Era o elemento que mais preponderava nas grandes praças commerciaes e na industria, menos, porém, nas provincias do Sul, para onde affluam os italianos e allemães.

Outros estrangeiros vieram se localizar no Brasil, mas se conservando como estranhos ao nosso *habitat*. Só o portuguez, pela identidade de raça, lingua, religião e costumes, se tornou um bloco de união visceral com o brasileiro.

Sim, visceral, porque a seiva da arvore continua nos esgalhamentos que somos nós.

Não podemos esquecer os braços e capitaes estrangeiros que tanto têm contribuido para o desenvolvimento e progresso do paiz; mas está na consciencia de todos — o character differencial do portuguez: aqui se casa e ramifica, aqui faz fortuna e a movimentação em beneficio dos seus, que somos nós mesmos.

Salvo o incidente Augusto Castilho, no governo de Floriano Peixoto, mas pouco depois resolvido, serenamente, por vias diplomaticas, brasileiros e portuguezes são irmãos que se abraçam através do Atlantico, sempre unidos, sempre amigos. D'elles — nos veio a lingua de mais bellezas, a religião de mais amor.

Nossa historia é um capitulo da sua; seu patrimonio moral — nossa gloria, seu Direito — o nosso guia.

Sua litteratura foi o primeiro thesouro que minerámos, seus sabios e seus classicos — nossos mestres e modelos.

Em soberba apothecose, diz Guerra Junqueiro a Bilac: o Brasil é a eucarestia sagrada dos Lusiadas!